

UMA ABORDAGEM SEMIO-CULTURAL SOBRE A INTERATIVIDADE DO DESENHO ARQUITETÔNICO E O *LOCUS* SOCIAL

Suani de Almeida Vasconcelos

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA)
suanivasconcelos@bol.com.br

Mariane Vasconcelos Bastos

UNEF - Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Colegiado de Arquitetura e Urbanismo
marianevasconcelosbastos@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata de uma breve abordagem crítica sobre o desenho arquitetônico e sua interatividade com o meio social, objetivando demonstrar como, em determinadas situações, o desenho arquitetônico destoa ou se harmoniza com ambiente, no qual está inserido, assim, como os impactos físicos e culturais, que tais objetos realizam onde se situam. A metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica, de caráter qualitativo e exploratório, visando-se, assim, uma maior aproximação teórica com o tema em questão. No que concerne ao aspecto técnico-teórico da abordagem, utilizou-se de técnicas projetistas arquitetônicas, associadas ao aspecto semio-cultural (semiótica cultural de Yuri Lotman) para a análise do objeto concreto em interação no meio ambiente. Observou-se, por fim, que os desenhos arquitetônicos, muitas vezes, atendem apenas a uma demanda comercial, desprezando-se sua harmonização com o meio ambiente.

Palavras-chave: arquitetura, cultura, desenho, semiótica.

Abstract

The present article deals with a brief critical approach on the architectural design and its interactivity with the social environment, aiming to demonstrate how, in certain situations, the architectural design disagrees or harmonizes with the environment in which it is inserted, as well as the physical impacts and cultural, that such objects realize where they are. The methodology used was of a bibliographic nature, with a qualitative and exploratory character, aiming at a more theoretical approach with the subject in question. As far as the technical-theoretical aspect of the approach is concerned, it was used architectural techniques, associated with the semio-cultural aspect (cultural semiotics of Yuri Lotman) for the

analysis of the concrete object in interaction in the environment. It was observed, finally, that architectural drawings often meet only a commercial demand, disregarding its harmonization with the environment.

Keywords: architecture, culture, drawing, semiotics

1 Introdução

A Semiótica é conceituada, de forma geral, como a ciência que trata dos signos, na teoria do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), e que equivale à Lógica. Esse conceito foi forjado a partir dos estudos da Lógica Formal, do pensador Edmund Husserl, influenciando, posteriormente, o campo da filosofia da linguagem, principalmente os trabalhos do filósofo F. Wittgenstein, bem como a escola pragmática americana.

Simultaneamente aos estudos semióticos piercianos, o linguista genebrino Ferdinand de Saussure constrói o arcabouço teórico do que equivaleria ao estudo sígnico, no campo, especificamente, da linguagem, ou seja, a semiologia, ciência esta que se preocupa com o signo no seio da vida social. A ciência linguística, assim, estaria edificada sob a égide do estudo sígnico, pensado a partir da construção teórica do isolamento do objeto lingüístico, a língua.

A Semiologia, desde que atingiu o status de ciência – através dos estudos do Círculo de Praga, no início do século XX e quando Saussure definiu, precisamente, o conceito – “isolou” o objeto de estudo (língua) e vem sofrendo importantes mudanças, no que tange a mudanças na percepção do que seja linguagem. Antes se prendia ao campo epistemológico do Estruturalismo que considerava a língua como um sistema abstrato, distinto da sua materialidade que seria a fala, não importando as condições socioculturais e mesmo históricas. Posteriormente, ampliando-se a concepção de linguagem, influenciada pela vertente filosófica do campo social, a Semiologia adquire um novo perfil científico, no qual se enquadram conceitos diversos e a importância da subjetividade humana no processo comunicativo. As demais ciências humanas tendem, então, a buscar, na ciência da linguagem, legitimidade para analisar o homem em seu processo interativo (cultural, social), evidenciando as tessituras ideológicas que perpassam pelo fenômeno da linguagem, como, também, formas sutis de poder que a ela subjazem.

As teorias, por exemplo, em torno do que se concebe como texto e processo comunicativo e interpretativo (semiose) também sofrem significativas mudanças. Pode-se

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

citar, propriamente, a semântica e suas formas de abordagens do que, de fato, seja sentido ou significado, desde sua concepção no século XIX, com Michel Bréal. Assim, a noção de texto alarga-se, incluindo não só sua forma escrita, mas toda forma possível de leitura e interpretação em sua dimensão de linguagem verbal e não-verbal, conforme explicita Lucia Santaella:

Nos fenômenos, seja eles quais forem _ uma nesga de luz ou um teorema matemático, um lamento de dor ou uma idéia abstrata da ciência _, a Semiótica busca divisar e deslindar seu ser de linguagem, isto é, sua ação de signo. (1983, p.03).

A partir dessa concepção, infere-se que a abordagem do desenho, no campo da arquitetura, abrange não só o traço do arquiteto em si, mas, sobretudo, os aspectos que dizem respeito à cultura, o social, ao meio ambiente, enfim, a vários aspectos que compõem o labor arquitetônico.

Para uma maior verticalização dessa abordagem, faz-se necessário um diálogo com as questões da semiótica da cultura da Escola Russa (Tartu - 1950), tendo como seu precursor Yuri Lotmann, a qual salienta e revela o que está camuflado sob a ordem da naturalização ideológica; a cultura realiza muito bem essa representação.

(...) cultura é memória não-genérica, um conjunto de informações que os grupos sociais acumulam e transmitem por meio de diferentes manifestações do processo da vida, como a religião, a arte, o direito (leis), formando um tecido, um “*continuum* semiótico” sobre o qual se estrutura o mecanismo das relações cotidianas. (VELHO, 2009, p. 250).

Na esteira da semiótica, importa, sempre, considerar que para essa disciplina a interpretação se faz por meio de signos e que, no campo da leitura, entendida, aqui, no sentido de semiose, é um signo em substituição a outro signo. Logo, os elementos formadores da cultura, como a arte, as técnicas científicas, religião, dentre outro, são representadas materialmente por meio de símbolos, que se traduzem nas mais diversas formas sógnicas.

A noção de cultura, apresentada nessa perspectiva da semiótica russa, amplia a compreensão do signo, no seio da vida social – entendendo-se que “signo gera signo”, pressupondo, portanto, a “semiotização do entorno”. (MACHADO, 2010, p. 157).

2 A semio-cultura e o desenho arquitetônico

A fase inicial, o pré-projeto arquitetônico, é baseada em desenhos, croquis, rabiscos que expressam a criatividade do arquiteto. Esses primeiros rabiscos são fundamentais para o processo criativo e expressional, tendo em vista que é o meio mais rápido de transferir uma ideia para algo físico. Nos desenhos iniciais, à mão livre, questões sobre insolação e ventilação não precisam ser, necessariamente, abordadas, pois, o foco principal é a extensão da imaginação, a projeção da mente de maneira rápida, a fim de fixar uma ideia para que, posteriormente, possa ser alterada e modificada.

Em geral, os esboços de arquitetura se formam pela junção de vários rabiscos, mas esse meio de expressão é definido como particular (privado) e "hostil" por não tratar com medidas e possuir elementos que apenas o projetista entende. A dificuldade do projetista, nesse sentido, é transferir o desenho imaginário, que é esteticamente bonito e eficiente, para o real, ainda mantendo essas qualidades.

Nessa perspectiva, o labor arquitetônico deve levar em consideração os aspectos que dominam o meio sócio-cultural de um povo e os significados que tais aspectos desempenham na vida em sociedade, tais como o clima, a vegetação e etc., elaborando, assim, formas de convivência social, como, também, a própria formação da identidade de um povo. Ressalta-se, sob essa ótica, a tensão entre cultura e natureza e quais forças que orientam tais sistemas semióticos, derivando-se, daí, concepções inovadoras sobre o homem, seu modo de estar no mundo e as questões culturais.

As mais remotas especulações sobre as tensões entre cultura e natureza semearam o terreno para o desenvolvimento da disciplina teórica que nasceu dos estudos sobre os sistemas de signos, amadureceu como semiótica da cultura e hoje articula estudos sobre cultorologia, semiosfera e ecologia semiótica. (MACHADO, 2010, p. 157).

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017



Figura 1: Walt Disney Concert Hall, Los Angeles, California . Arquiteto Frank Gehry.

Fonte: <http://larissa1993santos.wixsite.com/larissasantosarq/single-post/2017/02/08/Croquis-estranhos>



Figura 2: Walt Disney Concert Hall, Los Angeles, California . Arquiteto Frank Gehry.
Fonte: <https://www.oreilly.com/ideas/martin-charlier-on-progressive-approaches-to-iot-design>

A arquitetura é, também, definida pela Tríade vitruviana: esta deve ser firme (*firmitas*), possuir função (*utilitas*) e ter beleza (*venustas*). (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2014). Logo, há certa complexidade, para o arquiteto, em conseguir equilíbrio, no projeto, e, de igual modo, preservar as três concepções, acima expostas. De maneira geral, cada projetista tenderá para alguma destas concepções, em que pese todos os projetos terem a tríade vitruviana; assim, tenderá mais para a beleza, ou para funcionalidade ou firmeza.

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

A funcionalidade de um projeto está interligada à Arquitetura Bioclimática a qual vem sendo um dos conceitos mais utilizados pelos arquitetos, tendo em vista que o fator sustentabilidade está cada vez mais se tornando indispensável em qualquer edificação.

Preocupados em oferecer um ambiente mais harmônico, saudável e confortável, aos usuários, esses projetos visam adequar-se ao local inserido, a paisagem do entorno, a cultura regional, os materiais construtivos disponíveis, fatores sociais, econômicos, políticos e, principalmente, ao seu macroclima e microclima.



Figura 3: School of Art, Design & Media at Nanyang Technological University campus, Singapore.
Fonte: <https://designdautore.blogspot.com.br/2015/02/green-roof-art-school-in-singapore.html#.Wfj2r49Sy1s>

Nota-se que as novas tecnologias, no campo do desenho e do projeto arquitetônicos, dialogam com as mais diversas linguagens sígnicas, no âmbito da vida social, interferindo, de forma interativa, com a sociedade e suas formas mais peculiares de vida e de dispersão no planeta. As imagens, acima, representam tal preocupação por parte dos arquitetos que buscam a melhor forma da comunidade interagir, de forma harmônica, com o meio ambiente, valorizando os aspectos naturais e culturais do local onde a edificação será materializada.

Assim, busca-se utilizar de fontes renováveis de energia, aproveitando ao máximo os recursos naturais da região (sol, chuva, correntes de ar, relevo, vegetação, etc.) e de materiais que não agridam o meio ambiente e, dessa forma, acaba-se por promover

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

melhor ventilação, iluminação, umidificação, resfriamento e aquecimento desses espaços, aumentando-se a eficiência energética, minimização de desperdícios e redução dos impactos ambientais.

No que se refere à beleza, o desenho arquitetônico deve estar em harmonia com o entorno, não vendo apenas como produto isolado e, sim, pensando além do papel, com uma visão espacial, imaginando-o pronto, junto aos outros elementos já existentes no espaço. Nesse quesito, as formas e cores utilizadas devem ser agradáveis visualmente.

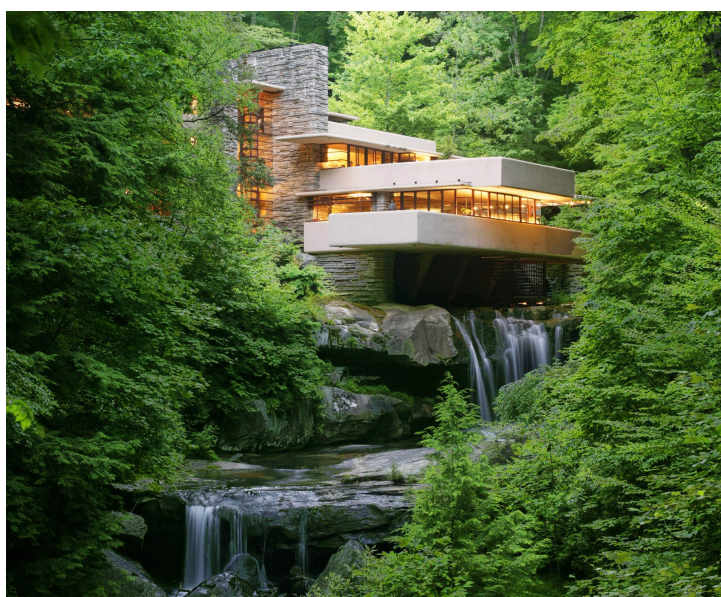


Figura 4: Casa cascata. Arquiteto Frank Lloyd Wright.
Fonte: <https://www.slideshare.net/jaderamos1/casa-da-cascata-frank-lloyd-wright>

Um dos problemas que se encontra em uma concepção de projeto, do estilo que será adotado, é que, muitas vezes, as cidades "não possuem" identidade própria. O que ocorre é que, no conceito da arquitetura moderna, grande partes dos arquitetos brasileiros se baseiam e se espelham no "modelo" construtivo estrangeiro, em países que suas edificações são muito conhecidas e admiradas por todos. (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2014).

A utilização de vidros espelhados, no revestimento de uma edificação, por exemplo, transmite sensação (semiose) de imponência, efeito corporativo e atraente esteticamente. Essa tipologia de projeto foi desenvolvida por países com clima predominantemente frio. Lá, os revestimentos externos em vidro funcionam bem, visto que há maior entrada

de radiações solares e torna o ambiente interno mais aquecido. Logo, torna-se contraditório colocar esse modelo de edificação em países de clima tropical como o Brasil.



Figura 5: Pixel Building em Melbourne, Austrália
Fonte: <http://www.bucalo.com.br/blog/os-5-predios-mais-coloridos-do-mundo/>

Essa divisão se torna ainda maior já que o Brasil possui diversos outros climas e ambientes. Um projeto desenvolvido no norte do país, provavelmente, não funcione na região nordeste, bem como uma edificação urbana não resista em um ambiente praiano, com brisas e maresias frequentes que desgastariam com facilidade materiais metálicos, por exemplo.

Assim sendo, não existe um modelo único de arquitetura que se adequará em qualquer ambiente. O tipo de edificação varia de cidade para cidade, pois, está ligado ao modo de vida da população e ao clima local. O tipo ideal a ser utilizado dependerá da evolução arquitetônica, da ligação com um passado histórico do território, que foi determinado pela trajetória cultural, resultante de exigências ideológicas, religiosas ou práticas.

3 Conclusão

Observa-se que os aspectos interativos entre homem e cultura são fundamentais para um desenho (projeto) viável e adequado à estrutura social, na qual será implantado. Elementos como clima, vegetação, relevo, corrente de vento, iluminação solar e etc. fazem parte do processo interativo do homem em seu meio, logo, não podem ser desprezados na composição dos centros urbanos ou em outros ambientes quaisquer.

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

O processo da semiose, deste modo, desempenha uma função importante na composição dos projetos arquitetônicos, uma vez que o projetista precisa considerar quais valores estão associados aquele ambiente em questão, e quais as necessidades fundamentais que a população está carente, levando-se em conta as dimensões sócio-culturais e os valores atrelados a elas.

Desenho, projetos e interatividade e aspectos sócio-culturais, são, portanto, elementos singulares no âmbito dos valores que os signos desempenham junto à comunidade, constituindo todo o processo interativo do desenho arquitetônico, da comunidade e do meio ambiente.

4 Referências

ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA. Disponível em: <
<http://www.dcaambiental.com.br/produtos.php?id=23>>. Acesso em: 26 out 2017

MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. **Revista da USP**. São Paulo, n.86, p. 157-166, jun-ago, 2010.

MUNDOARQ – COSTRUINDO IDEIAS. Disponível em:<
<https://mondoarq.wordpress.com/2015/07/27/caixas-de-vidro-x-pais-tropical/>. Acesso em: 26 out 2017.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudo Comum**. Curitiba. v.10, n. 25, p.249-257, set-dez, 2009.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. **Tudo sobre arquitetura**. Tradução de André Fiker. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.